

SOBRE INFORMAÇÃO E AUTORITARISMO: O INÍCIO DE UMA JORNADA ATRAVÉS DO ABISMO

*Pedro Henrique Rodrigues*¹⁰⁴

Resumo

O presente artigo visa entender como a Sociedade da Informação, elucidada por Manuel Castells, Byung-Chul Han e Ruy Sardinha Lopes, pode ser um elemento importante no processo atual de ascensão do autoritarismo e seus desdobramentos, tomando por base os estudos feitos na década de 1950 por Theodor W. Adorno. Nestes, o filósofo mapeou o comportamento da personalidade autoritária e seus apoia-dores em potencial, numa época em que a comunicação global não possuía a mesma eficiência dos dias atuais.

Palavras-chave: Autoritarismo; Sociedade; Informação; Radica-lismo; Opinião.

ABOUT INFORMATION AND AUTHORITARIANISM: THE BEGINNING OF A JOURNEY ACROSS THE ABYSS

Abstract

This article aims to understand how the Information Society, elucidated by Manuel Castells, Byung-Chul Han and Ruy Sardinha Lopes, can be an important factor to support the rise of authoritarianism and its consequences nowadays, based on studies carried out in the 50's by

¹⁰⁴ Especialista em Comunicação Digital e E-Branding pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e bacharel em Relações Públicas pela mesma instituição. E-mail: ph.rodrigues@outlook.pt

Theodor W. Adorno, in which the philosopher mapped the behavior of the authoritarian personality as well as its potential supporters at a time when global communication did not have the same efficiency.

Keywords: Authoritarianism; Society; Information; Radicalism; Opinion.

Uma história de revoluções

Ao longo da história da humanidade, várias foram as mudanças e transformações que aconteceram e tensionaram seu curso, revoluções sociais e tecnológicas que impulsionam os sujeitos a novas possibilidades durante a sua existência. Os cenários mudam com as oportunidades e novas técnicas são descobertas, aprendidas e dominadas, desde o mecanismo simples de uma roda até a transformação da própria informação. Mesmo os acontecimentos que deixaram máculas na história trouxeram avanços significativos no que se diz respeito à tecnologia, como o desenvolvimento de medicamentos e o próprio computador, que surgiu devido às necessidades que a Segunda Guerra tornou latentes. Porém, é válido ressaltar que muitas vezes as motivações por detrás dessas invenções são as mesmas que acabam destruindo o esclarecimento, que dificultam o pensamento crítico e são impregnadas pelo germe da barbárie (ADORNO; HORKEHEIMER, 1985, p.13).

Segundo Castells (1999), pensar que a inovação das tecnologias da informação trouxe e traz novas condições e possibilidades para a humanidade já não é novidade, dada a constituição de economias mais globalizadas, o relacionar-se com os quatro cantos do planeta de forma mais rápida, até a pura comunicação e o trânsito de informações para aqueles que querem ter acesso a elas. Os desdobramentos dessas novidades atingem várias camadas da existência humana, desde a dissolução ou o fortalecimento de economias ao simples contato mais rápido com quem se deseja. Han (2020) entende esse raciocínio ao dizer que, no trânsito da informação, viaja também o desejo, a atenção e a influência, que atinge um maior número de sujeitos, de forma irrestrita, em larga escala, muitas vezes com pouca criticidade, combinação que pode fortalecer indivíduos que pareciam adormecidos no curso histórico. Sujeitos estes afastados por seus atos atrozes contra a sociedade, por meio de regimes autoritários que ocasionaram fome, medo, guerra e aniquilação de milhões de pessoas, indivíduos que foram cristalizados na história, cujas testemunhas não os conseguem elidir da memória.

Atualmente, o eleitor enquanto consumidor não tem nenhum interesse real pela política, pela formação ativa da comunidade. Não está disposto a um comum agir político, tampouco é capacitado para tal. O eleitor apenas reage de forma passiva à política, criticando, reclamando, exatamente como faz o consumidor diante de um produto ou de um serviço de que não gosta. Os

políticos e os partidos seguem a mesma lógica do consumo. Eles têm que fornecer. Com isso, degradam-se a fornecedores, que têm que satisfazer os eleitores como consumidores ou clientes¹⁰⁵.

O autoritarismo e suas variantes continuamente marcam o curso da história, com seus mecanismos de dominação e seus líderes, que se tornaram famosos pelos atos perversos que cometeram contra a humanidade ao longo do seu governo. Pouco tempo depois da queda do governo nazista, Theodor W. Adorno explora e documenta estes acontecimentos em sua obra sobre a personalidade autoritária, que tem por objeto de estudo mapear e entender possíveis apoiadores de tais líderes e suas motivações, para que seja possível se antecipar e evitar que se repitam os horrores vividos em Auschwitz.

Adorno (2019) passa a entrevistar diversos sujeitos nos Estados Unidos poucos anos após a derrota nazista, na tentativa de identificar potenciais simpatizantes com a causa, através de questionários e entrevistas que apontam o grau de aderência da pessoa ao fascismo, exposto através de concordância com o etnocentrismo, antissemitismo, conservadorismo exacerbado, entre outros perfis e sentimentos da época. Ao longo do estudo, ele acaba separando estes sujeitos no que chama de *síndromes*, usando classificá-los de acordo com o seu grau de apoio ao fascismo.

Quando Adorno publicou estes estudos, a revolução tecnológica da informação citada por Castells ainda não havia ocorrido, e o intuito deste artigo é investigar como essas novas tecnologias podem servir de apoio e favorecer a ascensão de novas figuras autoritárias e seus seguidores.

Um olhar para o Abismo

De todas as tragédias que a humanidade já viveu, os horrores causados pelo regime nazista sem dúvida foram dos pontos mais terríveis da história, no qual milhões de pessoas morreram. O mundo todo convergiu para sua segunda grande guerra, o que levou à fome e destruição tantos outros milhões de sujeitos, e a força motriz que iniciou esse conflito foi o desejo de supremacia, dominação, poder e influência, inspirado para os alemães na figura de seu *führer*, que prometia a grandiosidade do passado mesmo em detrimento da aniquilação do outro.

O conflito, que durou seis anos, deixou máculas na história e lições para se aprender e não se repetir. Vários foram os mecanismos, artimanhas e técnicas usadas durante o curso do regime nazista, mas talvez uma das mais terríveis foi o próprio uso da influência e do desejo ardente que o líder emanava a seus súditos. Este usou das fragilidades de sua nação, que se encontrava em decadência após a derrocada da Primeira Guerra, para se eleger, e prometeu o retorno de um país glorioso, merecido por direito, no qual o poder e influência desse povo

105 HAN, 2020, p.21

se alastraria pelo globo. Adolf Hitler, o *führer*, foi escolhido pelo povo alemão com seus discursos inflamados, que alimentavam o desejo por reconhecimento da população, que não só estava humilhada, mas vivia com os resultados de uma economia fragilizada de derrotados em uma guerra. Os alemães elegeram Hitler como chanceler nas eleições de 1932, e o momento propiciou o pensamento de *ticket*, em que o eleitor vota por concordar com partes do discurso do candidato que julga achar mais interessantes, ou com as quais se identifica, sem necessariamente se preocupar com todas as proposições feitas.

Deste modo, vários pontos pouco palatáveis ficaram ocultos e só vieram à tona conforme o verdadeiro plano se desenrolava, já que estes não eram tão óbvios ao cidadão que votava a favor de um êxito econômico, por exemplo, sem se questionar a qual custo, já que ele também não fora educado para ter um pensamento crítico político.

O esquema mental concomitante com a ignorância e a confusão pode ser chamado de falta de experiência política, no sentido de que toda a esfera política e da economia está “alheia” ao sujeito, de que ele não a alcança com inervações, ideias e reações concretas, mas tem que lidar com ela de maneira indireta e alienada. Contudo, a política e a economia, por mais alienadas que estejam na vida individual e em grande medida além do alcance da decisão e da ação individuais, afetam decisivamente o destino do indivíduo. Em nossa sociedade atual, na era da organização social englobante e da guerra total, até mesmo a pessoa mais ingênua toma consciência do impacto da esfera político-econômica, na qual, literalmente, a vida e a morte do indivíduo dependem de uma dinâmica política aparentemente distante¹⁰⁶.

A população alemã estava sedenta por melhorias em sua vida e acreditava que o partido nazista seria o precursor desta mudança. Porém, para alguns, as verdadeiras intenções só ficaram claras quando os campos de concentração, as fábricas de morte, vieram à tona, assim como quando o vizinho levado pelos oficiais da Gestapo – a polícia secreta nazista – não era mais visto, e tantos outros acontecimentos que causavam medo e constrangimento. A figura autoritária acaba engajando seguidores por meio dos desejos, seja pelo gozo da destruição, pela satisfação com a repressão do outro, pelo espelhamento no líder autoritário que incita seu aliado a assumir suas facetas mais obscuras, pela purificação de si pela condenação do outro, entre vários outros motivos que serviram de apoio para o regime alemão.

Com o término da Segunda Guerra, a Alemanha saiu mais uma vez derrotada, seu líder caiu, mas a sombra de sua autoridade permaneceu, tímida e oculta por um véu de vergonha, mas ainda viva. E são essas as fagulhas que Adorno investiga em seu livro *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, no qual o filósofo se debruça a pesquisar, com o auxílio de outros especialistas, quais as chances de os acontecimentos

106 ADORNO, 2019, p.255

alemães se repetirem com um outro líder através do desejo popular e suas ideologias.

O termo “ideologia” é usado neste livro, como é comum na literatura atual, para representar uma organização de opiniões, atitudes e valores – um modo de pensar sobre o homem e a sociedade. Podemos falar de uma ideologia total do indivíduo ou de sua ideologia a respeito de diferentes áreas da vida social: política, economia, religião, grupos de minorias e assim por diante. As ideologias têm uma existência independente de qualquer indivíduo singular; e aquelas que existem em uma época particular são resultado tanto de processos históricos quanto de eventos sociais contemporâneos. Essas ideologias têm diferentes graus de apelo para diferentes indivíduos – questão que depende das necessidades do indivíduo e do grau com que essas necessidades são satisfeitas ou frustradas. Há certamente indivíduos que adotam para si ideias de mais de um sistema ideológico existente e as costuram em padrões que são mais ou menos unicamente seus. Pode-se assumir, no entanto, que quando as opiniões, atitudes e valores de vários indivíduos são examinadas, padrões comuns são descobertos. Esses padrões podem não corresponder em todos os casos às ideologias familiares, atuais, mas atenderão à definição de ideologia dada e, em cada caso, terão uma função dentro do ajustamento geral do indivíduo¹⁰⁷.

O autor inicia sua pesquisa em Los Angeles, nos Estados Unidos. O clima político e social da época é o de um mundo que se recupera do último conflito, e o sentimento de tensão ainda existe em diversos lugares. O medo gera sombras, muitas vezes irreais, que se estendem pelo coletivo e confundem a realidade, como os falsos monstros comunistas à espreita na esquina e o receio de se relacionar com pessoas que não correspondem ao padrão branco temente a deus, o qual abrange não apenas negros e outras cores, mas novamente os judeus.

Esses questionários tinham por objetivo elucidar os desejos fascistas/autoritários de seus respondentes, por meio de perguntas que se alternavam na obviedade de seu propósito. No decorrer do processo, eram investigados trabalhadores, estudantes, presos e sujeitos de vários credos, etnias e condições socioeconômicas. Na segunda etapa da pesquisa, eram separados os extremos de respondentes, os que mais e os que menos pontuaram nas escalas, para que fossem entrevistados pessoalmente, no intuito de afinar as respostas e colher novos dados. O resultado disso é o diagnóstico do que Adorno chama de *síndromes*, separando os entrevistados em 11 grupos de pontuadores, todos com características e modos de pensar semelhantes.

É importante ressaltar que independentemente de altos ou baixos pontuadores, as síndromes trazem características psicológicas e comportamentais que sugerem que todos os indivíduos, no seu íntimo,

107 ADORNO, 2019, p. 73

podem ocasionalmente defender questões tidas como autoritárias. Muitas das demonstrações de apoio partem de desejos pessoais e recônditos por poder, aceitação e até mesmo prazer.

Os indivíduos se espelham na figura do líder, que catalisa suas ideias e as coloca no mundo. Vários são os entrevistados que reproduzem inverdades diminuindo outros grupos, como o dos judeus, os quais acreditam fazer parte de um plano maior por poder e dominação, mas que também são tidos como menos inteligentes, sujos e uma classe inferior de sujeito, o que os coloca numa situação de perigo iminente e ameaça risível, uma ambiguidade não percebida por quem carrega este discurso.

Os pesquisados demonstram através de suas falas que muitas vezes não sabem com profundidade do que estão falando, mas acreditam piamente que estão certos do que dizem. Essas certezas sem embasamento acabam trazendo versões dos fatos descoladas da realidade para sustentar determinados argumentos ou medos, como por exemplo o de achar que o presidente dos Estados Unidos da América poderia estar envolvido em algum esquema comunista.

O discurso desses entrevistados muitas vezes alcança outros sujeitos que compartilham das mesmas crenças, criando uma rede de apoio não somente baseada em inverdades, mas que aumenta no ritmo com que seus participantes acreditam no que dizem. Ao separá-los em síndromes é possível entender ao menos parte dos mecanismos que os levam a ter determinados comportamentos e pensamentos.

As pessoas foram “classes” psicológicas por terem sido marcadas por processos sociais variados. Provavelmente isso seja válido para nossa própria cultura de massa padronizada em um grau ainda maior do que em períodos anteriores. [...] O individualismo, oposto à desumana compartimentalização, pode, em última instância, tornar-se um mero véu ideológico numa sociedade que é realmente desumana e cuja tendência intrínseca à “subsunção” de tudo se revela pela classificação das próprias pessoas. Em outras palavras, a crítica da tipologia não se deve negligenciar o fato de que um grande número de pessoas não são mais, ou nunca foram, “indivíduos” no sentido da filosofia tradicional do século XIX. O pensamento de *ticket* é possível apenas porque a existência real daqueles que se entregam a ele é largamente determinada por “*tickets*”, processos sociais padronizados, opacos e avassaladores que deixam ao “indivíduo” pouca liberdade de ação e individuação verdadeira. Assim, o problema da tipologia é colocado em base diferente. Há razões para procurar por tipos psicológicos porque o mundo em que vivemos é tipificado e “produz” diferentes “tipos” de pessoas. Somente identificando traços estereotipados, pode-se desafiar a tendência perniciosa à classificação e subsunção generalizadas¹⁰⁸.

A falta de criticidade e de conhecimento político afasta esses indivíduos da “verdade” pois eles tendem a procurar seus iguais, que

108 ADORNO, 2019, p.522

validam suas versões da realidade e as tornam mais sólidas perante a sociedade. Não é sempre que os objetivos e modos de ver dos altos e baixos pontuadores convergem, mas todos trazem características latentes que em maior ou menor grau beiram o autoritarismo. Eles justificam seus posicionamentos pelo senso comum já que não possuem profundidade ou embasamento nas opiniões que emitem, e tampouco aceitam que podem estar errados, uma vez que isso é contrário à tese de que são uma casta mais preparada e esclarecida da sociedade. Essa repetição constante de inverdades acaba engajando seus pares e calcificando essas mentiras como se fossem verdades, tornando cada vez mais difícil a comunicação.

É um desdobramento da imagem do burguês, em que o nobre, como sujeito que se valoriza e se coloca em maior destaque na sociedade, por pertencer a uma família antiga ou por laços de sangue com membros valorosos da sociedade, é substituído por uma versão que faz o mesmo, mas que é medida pelo seu êxito econômico e a partir disso galga controle e poder político recompensando seu próprio esforço pessoal e ampliando sua rede de influência. Esta sede por controle, somada ao poder de convencimento sobre seus grupos sociais, potencializa essas caricaturas da verdade, e o saudosismo (por tradição, pureza e outras características excludentes) ganha força. O fascismo se alimenta desses aspectos e sobe sua temperatura, como uma febre a ser controlada, colocando seus seguidores em polvorosa, bradando discursos de uma ideologia opressora para proteger seus direitos de classe abastada.

Em sociedades divididas em classes (e também em castas), nas quais uma das classes explora e domina as outras, essas explicações ou essas ideias e representações serão produzidas e difundidas pela classe dominante para legitimar e assegurar seu poder econômico, social e político. Por esse motivo, essas ideias ou representações tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio, os dominantes legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. Enfim, também é um aspecto fundamental da existência histórica dos homens a ação pela qual podem ou reproduzir as relações sociais existentes, ou transformá-las, seja de maneira radical (quando fazem uma revolução), seja de maneira parcial (quando fazem reformas). Em outras palavras, uma ideologia não possui um poder absoluto que não possa ser quebrado e destruído. Quando uma classe social compreende sua própria realidade, pode organizar-se para quebrar uma ideologia e transformar a sociedade¹⁰⁹.

Com as constantes modernizações sociais e as evoluções tecnológicas, principalmente nas áreas da comunicação e da informação, esses

109 CHAUI, 2008, p.24

discursos autoritários ganham velocidade na forma com que viajam, e a própria mensagem acaba por servir como uma demarcação social, na qual quanto mais sujeitos forem engajados pelo que você tem a dizer maior também será seu prestígio dentro do grupo. “Não é só uma evolução tecnológica, mas também uma mutação do capitalismo” (DELEUZE, 1992, p.223). Neste ritmo, os indivíduos acabam associando a verdade com a capacidade com que as mensagens podem penetrar no tecido social e a frequência com que aparecem, no melhor estilo de que: se uma mentira é contada mil vezes ela se torna verdade.

Nesta seara, é válido lembrar que a propaganda e o ato comunicacional sempre foram uma grande arma do fascismo, já que além de atingirem grandes massas, conseguem evocar desejos e ímpetos em seus interlocutores, e quando bem utilizados são capazes de atuar como condutores e também mediadores da temperatura e intensidade com que esse público se inflama. A informação nesse sentido é entendida como um bem cujo valor consiste no quão extensivo se torna o ato de comunicar e influenciar (LOPES, 2018, p.78).

A moderna teia de Aracne

Existem várias versões para a história da jovem grega que possuía um prodigioso talento para bordados e fios, chamada Aracne. O que esses contos têm em comum é que neles o talento da artesã provocou a inveja da deusa Athena, que por sua vez aceitou duelar com a tecelã para definir quem tinha um melhor desempenho artístico com os fios. A deidade fora derrotada e sua fúria caiu sobre Aracne de modo terrível, o que resultou na transformação da jovem em aranha pela divindade, motivada por pena ou por punição. O conto, como muitos outros, nos traz uma lição, e esta sugere que devemos agir com parcimônia no que se refere ao orgulho e à arrogância, bem como ao deslumbramento pela técnica, que ocasiona ilusões e turva o significado comunicacional da obra; mas aqui, de Aracne, ficaremos com a *web*, com a arrogância e com o mito.

De fato, ocorreu uma revolução tecnológica no que tange à comunicação, com os tons e as possibilidades que a palavra sugere, já que foi esse emaranhado de fios invisíveis que aproximou a humanidade e tornou viáveis mudanças inesperadas em todos os âmbitos do tecido social, desde a economia, saúde, transporte, guerras, controle e influência. Estes impactos podem ser facilmente percebidos em eventos maiores, como a expansão de nações que progridem ao se relacionar entre si, ou o próprio sujeito que se expressa, socializa e tem a possibilidade de se colocar no mundo de outra forma.

Os sujeitos podem se agrupar em torno do que acreditam ser melhor para si e também para o outro, e com isso se tornarem um organismo maior, como se fossem células que ao se aproximarem se tornam maiores e atingem outras. Esse fenômeno expansivo também define rumos para a sociedade e muda o curso da história, mesmo

que de forma desordenada, mas prodigiosa, como um hecatônquiouro cheio de cabeças e braços que tocam tudo e todos procurando dar tom e unidade a si próprio. O impulso que move essa monstruosidade vem das certezas que ela tece no decorrer de seu percurso, das frases repetidas inúmeras vezes para se convencer que é correto privilegiar um grupo em detrimento de outro, e de toda a energia que se recicla dentro de seus indivíduos e retroalimenta esses desejos e vontades enquanto sociedade.

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade e, em especial, a identidade religiosa e étnica tem sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, a única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas¹¹⁰.

Esses fenômenos, apesar de emergirem anos depois da pesquisa apresentada por Adorno, corroboram o ponto de vista do filósofo que já nos alertava para o aglutinamento de pontuadores autoritários e de suas predileções por versões da realidade nas quais seus pontos de vista a respeito do funcionamento do mundo são os corretos. A propaganda nazista, assim como a fascista e a autoritária, evoca dobras na realidade que podem ser ilustradas através de um mundo idílico no qual sujeitos vivenciam o saudosismo de um passado que sequer existiu, mas que os agrada pois é o que eles defendem e gostariam de viver.

Se antes essas pessoas tinham a limitação geográfica para defender seus pontos de vista, agora há a possibilidade global de se pôr no mundo e encontrar seus semelhantes. Na prática de se comunicar e expor seus pensamentos em rede acabam esbarrando em outros sujeitos e gerando engajamentos que o próprio sistema possibilita, e estes indivíduos passam a enamorar-se de seu próprio avatar que é endossado por outros pares, e assim sucessivamente.

As redes citadas por Castells não só unem seus usuários e possibilitam seu engajamento e organização como grupo, mas confundem o sistema de comunicação pois emitem uma numerosa quantidade de mensagens falsas que passam a ganhar *status* de verdade devido à forma como são repetidas. Os pontuadores apresentados por Adorno

110 CASTELLS, 1999, p.41

comunicam suas teorias, na maioria das vezes falaciosas, sobre os mais diversos assuntos; tais discursos vão penetrando no tecido social e sendo absorvidos por outras pessoas.

Como dito anteriormente, o fascismo sempre usou a propaganda a seu favor, seja para convencer ou para fazer a manutenção do poder, e se potencializa com a sociedade da informação e a organização de redes, visto que ganha velocidade e um número mais expressivo de seguidores, que agora já não são mais tão tímidos ao expressar suas opiniões. Associar o ser mais visto com a verdade se torna uma tendência, como a mercantilização da informação, uma produção em massa de versões industrializadas da verdade.

Ao tomar a ideia de que a recorrente economia midiática do presente não cessa na produção e consumo dos acontecimentos (ARANTES, 2014), pode-se afirmar que:

O presente, no próprio momento em que se faz, deseja se ver como já histórico, como algo já passado. Ele se volta de algum modo sobre si mesmo para antecipar o olhar que se dirigirá a ele, quando terá passado completamente, será passado, como se quisesse “prever” o passado, se fazer passado antes mesmo de ter advindo plenamente como presente; mas esse olhar é o seu olhar, o olhar do presente¹¹¹.

Seguindo essa lógica, não é diferente o sentimento de quem pluraliza os discursos controversos do autoritarismo: tanto sentimento como discursos são potencializados pela técnica propagandística e em uma nova roupagem que possibilita ver seus resultados pouco tempo depois de serem compartilhados. Essa tendência não fica apenas no campo da informação, mas abarca grupos sociais e passa a criar guetos, nos quais outros nichos que não tenham ideias convergentes acabam se tornando o outro, o estranho, que se difere dos demais por suas opiniões e posicionamentos (ARANTES, 2014). Um dos possíveis resultados dessa cooperação em rede a favor de falácias é a dissolução interna de sistemas democráticos, visto que muitos indivíduos acabam influenciados pela torrente de informação, e isto acaba elegendo líderes que podem não ter, de fato, a representatividade esperada pelo seu povo, junto desses personagens autoritários.

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Mas a tendência social e política características da década de 1990 era a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela

111 HARTOG, 2003, p.127 *apud* ARANTES, 2014, p.166

preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla as outras estruturas sociais¹¹².

Como dito anteriormente, uma das mais eficientes ferramentas fascistas é a propaganda, pois é ela quem espalha o germe autoritário para os sujeitos e é através dela que os discursos são distorcidos e se criam as falácias. A (des)informação se torna produto de reprodução em massa a ser consumido por seus interlocutores sem haver uma preocupação com criticidade ou qualquer outro viés ético. Além de “criar” novas realidades, distorce fatos do passado na tentativa de diluir sua gravidade ou até mesmo os oblitera nos livros chegando ao extremo de fazer com que alguns acreditem que, por exemplo, o Holocausto (Shoah) nunca existiu.

A ferramenta comunicacional ajuda a dar legitimidade e corpo aos discursos interiorizados por pessoas como aquelas que responderam a pesquisa de Adorno nos anos de 1950. A globalização da informação tira estes sujeitos do isolamento e os coloca alinhados diretamente com seus iguais, os quais têm opiniões geralmente rasas e incompletas sobre o fazer político.

Opiniões são importantes, mas para fazer política pública é preciso ação. Na era digital, contudo, a opinião predomina sobre a ação. Passamos a viver no reino das opiniões: todos têm alguma opinião formada sobre tudo e se sentem na obrigação de opinar sobre qualquer coisa. Esse fenômeno é consequência direta da hiperconectividade e, em particular, do modelo de negócios das empresas detentoras de redes sociais [...] Ao opinar sobre tudo, do nazismo à Formula 1, o usuário contribui para a captura mais precisa de dados pelas empresas¹¹³.

As opiniões passam a substituir os fatos na fala de alguns, que dissimulam a verdade colocando em xeque questões que não são passíveis de ser tratadas como opinião, e usam do direito da livre expressão para de forma escancarada apoiar causas como nazismo, etnocentrismo, xenofobia, racismo, homofobia e tantos outros impropérios que, devido ao acúmulo de mensagens nas redes, passam a ter o peso de verdade para esses interlocutores. Discursos repletos de ódio que normalmente repetem a tendência vivida na época do regime nazista, no qual estes grupos são tidos como ameaças a serem eliminadas. A propaganda fascista é repaginada e agora viaja de forma mais rápida e hipodérmica.

¹¹² CASTELLS, 1999, p.58

¹¹³ LAGO, 2019.

Quando o Abismo nos olha de volta

Após revisarmos a pesquisa de Adorno e entender o contexto no qual ela foi feita, ganhamos as lentes necessárias para entender essa personalidade potencialmente fascista, potencialmente autoritária, e que pode apoiar o retorno de um regime atroz. De todo modo, as constatações de Castells anos mais tarde nos fazem refletir sobre a abrangência e potência que esses atores ganham ao contar com novas ferramentas que os auxiliam em sua empreitada de desinformar.

É necessário conhecer o maior número possível das faces apresentadas pelo fascismo e seus simpatizantes, e olhar para a bocarra do monstro, criando técnicas para mitigar seus danos, impedir seus ataques e atrasar seu avanço.

Nota-se que as tecnologias da informação continuam em constante evolução, mas os dispositivos de controle que poderiam ser usados para filtrar os discursos e manifestações autoritárias são ainda insuficientes, em termos de celeridade, comparados aos seus adversários e seus asseclas. A identificação da origem das mensagens e de quem as emite é nebulosa, e sua gênese acaba não sendo combatida, ficando incólume.

Acredita-se que não há espaço para uma conclusão sobre como a sociedade da informação pode impedir o avanço da ascensão autoritária. É necessário expandir a pesquisa temporalmente e entender o funcionamento do próprio discurso fascista. Como diria Brecht, a cadela do fascismo está sempre no cio, e sempre haverá proles a serem combatidas. Arrisca-se, porém, que Adorno nos dá uma pista ao falar e diagnosticar as síndromes em seu livro. Em seu relato é possível notar que todos temos a semente autoritária implantada em nosso cerne, e que cabe a cada um de nós um constante vigiar para que ela não floresça dentro de nós.

É o olhar para o abismo e ser olhado de volta.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de: PALBART, Peter Pál. São Paulo: Editora 34, 1992. Título original: Pourparlers.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

LAGO, Miguel. **“Procura-se um presidente.”** mai. 2019, disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/procura-se-um-presidente>> Acesso em 20 jul. 2022.

LOPES, Ruy Sardinha. **Informação, conhecimento e valor**. São Paulo: Radical Livros, 2008.